

# PIB volta a derrapar e indica longa estagnação para 2022

Cenário de inflação, juro alto e mercado de trabalho frágil emperra retomada

A economia brasileira registrou no terceiro trimestre o segundo resultado negativo seguido, com recuo de 0,1% em relação ao período anterior. No segundo trimestre, após revisão de dados, houve contração de 0,4% do Produto Interno Bruto, disse o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A retomada tem sido protelada pela tríade escalada da inflação, juros altos e tibi-eza do mercado de trabalho.

Os dois resultados consecutivos não configuram necessariamente recessão, pois há outros indicadores a analisar, apontam economistas. Prenunciam, porém, um longo período de estagnação.

Houve crescimento de 1,1% do setor de serviços, que responde por 70% do PIB brasileiro e foi mais afetado pelos meses de isolamento durante a pandemia de coronavírus. Mas a agropecuária encolheu 8%, a maior queda em nove anos, abalada pelo fim da safra da soja e o clima adverso. A indústria estagnou.

A atividade ainda não voltou ao nível pré-pandemia. “É um cenário muito ruim, de estagnação. Perdemos fôlego de forma muito rápida na saída da pandemia”, diz a economista Silvia Matos, do FGV Ibre. Na comparação com igual período de 2020, quando estava deprimido, o PIB subiu 4%. Mercado A15

## ANÁLISE Mauro Zafalon

Tempestade perfeita no campo provoca queda recorde da atividade agropecuária A15

## ANÁLISE Vinicius Torres Freire

Economia foi mal, mas por motivos nem tão ruins quanto o que era esperado A15

# PIB cai 0,1% no 3º trimestre e reforça quadro de estagnação

Recuo é o segundo consecutivo, puxado por tombo de 8% da agropecuária

Leonardo Vieceli e  
Eduardo Cucolo

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO A economia brasileira recuou 0,1% no terceiro trimestre de 2021 em relação aos três meses imediatamente anteriores, segundo dados do PIB divulgados nesta quinta (2º) pelo IBGE. O número veio um pouco abaixo das expectativas do mercado financeiro. Analistas consultados pela agência Bloomberg projetavam variação nula (0%).

É a segunda baixa consecutiva do indicador, o que renova os sinais de estagnação da atividade. No segundo trimestre, a queda do PIB foi revisada de 0,1% para 0,4%.

O IBGE e economistas ouvidos pela Folha afirmam que duas quedas consecutivas não configuram necessariamente uma recessão, conceito que tecnicamente depende da análise de outros indicadores.

O desempenho fraco ocorre em um contexto de escalada da inflação, juros mais altos e fragilidades no mercado de trabalho.

O PIB está 0,1% abaixo do patamar registrado no fim de 2019, período pré-pandemia, e 3,4% inferior ao ponto mais alto da série histórica, o primeiro trimestre de 2014.

Mesmo com a alta de 1,1% no setor de serviços, que responde por cerca de 70% do PIB nacional, o resultado do terceiro trimestre foi puxado para baixo pela queda de 8% na agropecuária. É a maior redução desde o primeiro trimestre de 2012, quando houve tombo de 19,6%.

A forte retração nesse setor reflete o fim da safra de soja, que também impactou as exportações e os estoques. A colheita é mais concentrada nos dois primeiros trimestres do ano. Também houve efeito do clima adverso, que prejudicou o plantio e a produtividade em vários segmentos do agronegócio brasileiro em 2021.

O IBGE destacou que o avanço dos serviços foi puxado pelo ramo de outras atividades (+4,4%), que contempla uma série de negócios voltados ao atendimento das famílias. Fazem parte dessa lista serviços de alimentação, salões de beleza, academias de ginástica, cinemas e galerias de arte, entre outros.

Apesar da melhora, no entanto, a imunização, o ramo de outras atividades de serviços ainda está abaixo do patamar pré-pandemia. Encontra-se em nível 3,8% inferior ao verificado no quarto trimestre de 2019.

A indústria, por sua vez, ficou estagnada (0%). Segundo o IBGE, as fábricas sentem o encarecimento de insumos na pandemia e os efeitos da crise energética, que eleva os custos de produção.

“É um cenário muito ruim, de estagnação. Perdemos fôlego de forma muito rápida na saída da pandemia”, afirma a economista Sílvia Matos, coordenadora do Boletim Macro do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas).

O economista-chefe da consultoria MB Associados, Sérgio Vale, tem opinião semelhante. “Com a vacinação e a reabertura da econo-

mia, setores como o de serviços poderiam estar crescendo mais. Mas há o impacto da inflação alta, que atinge comércio e serviços. Sem contar que a indústria segue afetada pela falta de insumos”, diz.

“A agropecuária teve impacto no resultado do terceiro trimestre, mas não pode ser culpada sozinha. Há um conjunto de fatores que explicam a fraqueza da economia brasileira.”

Em relação ao terceiro trimestre de 2020, o PIB cresceu 4%. Em 12 meses, a alta foi de 3,9%. Já no acumulado deste ano, até setembro, o indicador avançou 5,7%.

Em um grupo de 30 países com dados disponíveis para o período, a queda de 0,1% na comparação trimestral está entre os quatro piores para o período, pouco acima de México, Indonésia e Japão. Considerando o período desde o início da pandemia, está entre os 12 que não voltaram ao patamar pré-crise.

O IBGE também mostrou que o consumo das famílias cresceu 0,9% no terceiro trimestre de 2021 em relação aos três meses anteriores, após queda de 0,2% no trimestre anterior. O consumo do governo cresceu 0,8% no mesmo período.

“Houve uma certa migração do consumo das famílias de bens para serviços, e os serviços têm muito peso na economia e no consumo. Desde alimentação até alojamento, transporte, saúde mercantil, toda a parte de recreação etc.”, afirma a coordenadora de Contas Nacio-

nais do IBGE, Rebeca Palis.

Os investimentos produtivos na economia, medidos pelo indicador FBCF (Formação Bruta de Capital Fixo), caíram 0,1% no trimestre, segunda queda consecutiva, depois de uma recuperação em 2020 —na comparação anual, cresceu quase 20%.

O pesquisador Felipe Serigati, do centro de estudos FGV Agro, chama a atenção para o impacto do clima no desempenho do setor. “Isso pegou trigo, milho, café e hortaliças, por exemplo.”

Projeções sinalizam que o PIB brasileiro deve fechar 2021 com crescimento entre 4,5% e 5%, associado em grande parte à base de comparação deprimida —em 2020, a pandemia causou forte queda do indicador, que foi revisado de -4,1% para -3,9%.

Na avaliação de analistas, diante dos recentes sinais de fraqueza da economia, o cenário ficou mais complicado para 2022, ano de eleições.

Apesar de a economia ter registrado dois trimestres seguidos de retração, ainda não é possível ter certeza de que o país está em recessão. Não há uma definição oficial sobre o que caracteriza uma recessão. Embora alguns economistas utilizem a métrica de que esse é o período marcado por dois trimestres seguidos de queda na atividade, a maior parte dos institutos considera uma análise mais ampla de dados.

A coordenadora de Contas Nacionais do IBGE, Rebeca Palis, afirmou que o instituto evita chamar variações de -0,5% a +0,5% do PIB de queda

ou crescimento. “É uma variação pequena [a queda de 0,1% do 3º trimestre], que, para a gente, é uma estabilidade.”

Ela disse que a definição de dois trimestres de queda do PIB como recessão não faz muito sentido do ponto de vista estatístico nem é um conceito utilizado em outros países.

No Brasil, destaca-se a análise feita pelo Codace (Comitê de Datação de Ciclos Econômicos), órgão ligado ao Ibre/FGV e formado por oito economistas de diversas instituições. Em junho do

ano passado, o comitê definiu que o Brasil entrou em recessão no primeiro trimestre de 2020, encerrando um ciclo de fraco crescimento de três anos (2017-2019).

João Victor Issler, professor da FGV EPGE (Escola Brasileira de Economia e Finanças da FGV) e membro do Codace, diz que a instituição ainda não definiu se esse processo se encerrou ou se o país vive um período continuado com

idas e vindas dentro de um mesmo episódio recessivo.

Ele diz que o comitê segue o padrão internacional, estabelecido desde o início do século 20 pelo órgão que faz esse trabalho nos EUA, que destaca quatro categorias de séries econômicas (produção industrial, emprego, vendas e rendas) entre os dados analisados. “É muito cedo ainda para caracterizar recessão ou estagnação.”



A agropecuária teve impacto no resultado do terceiro trimestre, mas não pode ser culpada sozinha. Há um conjunto de fatores que explicam a fraqueza da economia brasileira

**Silvia Matos**  
coordenadora do Boletim Macro do Ibré

**Comportamento dos componentes do PIB no 3º trimestre**

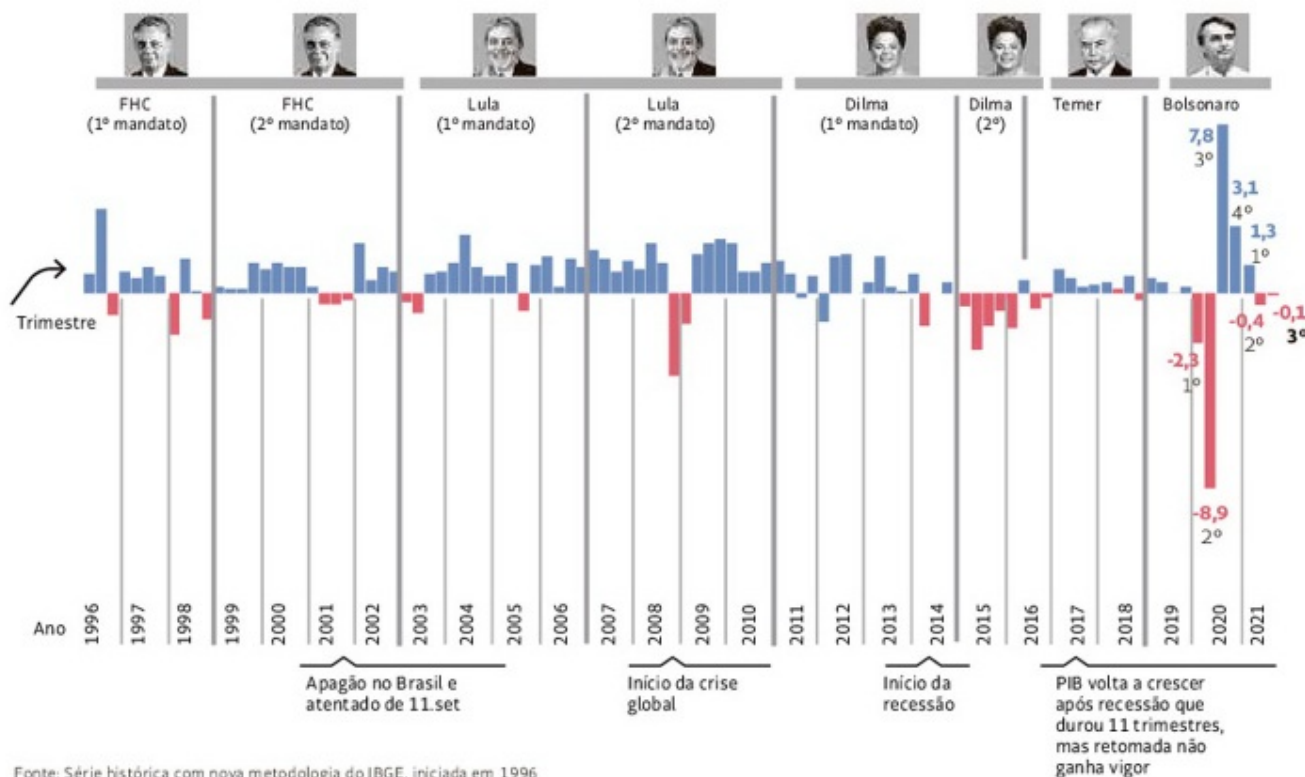
Variação em relação ao trimestre anterior, em %



Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

**Desempenho do PIB no 3º trimestre de 2021**

Variação do PIB em relação ao trimestre anterior, em %



## Tempestade perfeita no campo provoca queda recorde da agropecuária

### ANÁLISE

Mauro Zafalon

**SÃO PAULO** A agropecuária prometia dar um novo impulso ao PIB neste ano, mas chega ao terceiro trimestre como um dos principais entraves ao crescimento geral da economia.

O setor tem uma queda recorde de 9% para esse período, em relação ao terceiro trimestre de 2020, e acumula recuo de 0,1% no ano.

O resultado é ruim porque o setor viveu uma tempestade perfeita nesta safra. No setor agrícola, plantio atrasado, crise hídrica e geadas impediram a supersafra esperada para 2021. Ao contrário, o setor termina o período da safra 2020/21 com apenas 251 milhões de toneladas de grãos, nos números do IBGE.

A pecuária, outro setor importante na formação do PIB, também não teve seus melhores dias. Os dados mais recentes do IBGE indicam que os abates de bovinos do terceiro trimestre foram 11% inferiores aos de igual período de 2020.

Além de ser afetada pela seca, a pecuária teve uma forte redução de animais para abate, o que elevou os preços internos, ajudados ainda pela demanda chinesa.

A captação de leite caiu 5,1% no trimestre, e a produção de ovos, um substituto às carnes, recuou 2,5%. Já os setores de suinocultura e de avicultura, incentivados pelas exportações, aumentaram os abates.

A seca e as diversas geadas que afetaram as lavouras frustraram a perspectiva de uma grande safra, principalmente

nos produtos de inverno. Com isso, acabaram afetando o desempenho do PIB agropecuário neste terceiro trimestre.

O milho foi um dos principais destaques nessa quebra, com redução de 21% na produção no período da safrinha, a de maior volume. Isso reduziu a safra total do ano em 17 milhões de toneladas.

A redução de 32% na produção de café arábica também pesou muito na formação do PIB agrícola. A cultura, além de ser afetada por geadas, o que deverá refletir ainda mais na safra de 2022, passou pela bienalidade negativa. Ou seja, após uma safra abundante, como foi a de 2020, as árvores perdem força e produzem menos no ano seguinte.

O grande problema da safra foi a perda de produtividade. No caso do milho safrinha, a redução foi de 26,5%. A do café arábica recuou 28,5%.

O algodão, outro importante componente da safra agrícola neste período do ano, teve redução de 17% na produção e de 2% na produtividade.

A cana, também afetada por seca e por geadas, teve uma perda de 7,6% na produção e de 5,2% na produtividade.

Já a laranja, conforme as previsões feitas em outubro pelo IBGE, perde 14% na produtividade e no volume produzido.

O destaque positivo ficou para o trigo, cuja produção deverá subir 26% ante 2020.

O PIB agropecuário ficará distante da projeção de 3%, prevista no início do ano. O quarto trimestre não tem nenhum fator de peso como influência positiva, à exceção dos setores de suínos e de aves.

O consumo interno e as exportações dessas duas proteínas devem melhorar neste quarto trimestre, devido à demanda do final de ano, mas o setor de bovinos continua com restrições na oferta.

A agropecuária conseguiu participação importante de 6,8% na formação do PIB em 2020. Esse percentual, porém, não deverá ser mantido em 2021.

## Economia foi mal, mas por motivos nem tão ruins quanto se esperava

### ANÁLISE

Vinicius Torres Freire

**SÃO PAULO** O desempenho da economia, do PIB, no terceiro trimestre foi ruim, como quase todo o mundo já sabia ou já sentiu na carne. Mas, olhando os números por dentro, não foi o pior. O problema é que, mesmo assim, na hipótese otimista, vamos para uma estagnação ou quase isso em 2022.

O PIB deste 2021, o nível médio da produção ou também da renda, vai ficar praticamente na mesma em relação a 2019, ano anterior à epidemia — apenas vamos recuperar o tombo de 2020. Um problema que deve ser também óbvio é que, assim, o PIB (renda) per capita fica no mesmo nível registrado no longínquo 2009. São 12 anos perdidos.

Como a recuperação da atividade no trimestre final deste ano dever ser fraca, a perspectiva básica para 2022 é de estagnação, com risco de recessão para o ano inteiro, “fechado”.

O PIB do terceiro trimestre caiu um tico, 0,1%. Não seria lá grande má notícia se o ritmo do segundo trimestre não tivesse sido revisado para baixo (a queda foi maior do que a anunciada faz três meses).

Houve um tombo maior do que o esperado na agricultura, de 8% ante o trimestre anterior — a seca causou grande estrago, um efeito conjuntural e incontornável. A inflação prejudicou o comércio, bidu, assim como a confiança deprimida do consumidor (que continuou se deprimindo neste último trimestre). Mas o consumo privado em geral cresceu.

A indústria caiu pelo terceiro trimestre consecutivo, apa-

nhando de vários lados: inflação, de insumos e energia caros, além de falta de peças e materiais para produzir. Mas não caiu tanto quanto se previa. A construção civil continuou bem. A recuperação do setor de serviços, em especial educação e saúde, foi razoável.

O que tirou mais pontos do crescimento no trimestre? As indústrias desfizeram estoques (em vez de “produzilos”). O setor externo levou um tombo (as exportações caíram ainda mais do que as importações, em números absolutos). O investimento (em novas instalações produtivas, máquinas, equipamentos, residências etc.) caiu um pouco. Dada a mistura de riscos e espessa névoa de incerteza, vai ser difícil que se recupere daqui até 2023 (sim, depois da eleição).

Os problemas climáticos e algum outro tombo no mercado de carne derrubaram a agricultura — os céus não ajudaram (assim como a seca causou mais problemas na produção de energia). A crise externa prejudicou a indústria e teve grande contribuição para o aumento da inflação, carestia que foi piorada pelo desgoverno geral e pelo tumulto político e econômico causado por Jair Bolsonaro e sua turma.

Embora não tenha cara nada boa, 2022 ainda é uma incógnita. Ou, ao menos, o tamanho da besteira é uma incógnita.

De mais certo, teremos juros mais altos e tumulto financeiro devido à eleição. Isso quer dizer, tudo mais constante, retração em investimentos. Não sabemos até onde vai a inflação (e, portanto, não sabemos bem até onde vão os juros). Por ora, a previsão não é boa, mas não dá para descartar surpresas positivas (mais chuva nas usinas, menos crise mundial de abastecimento da indústria, tempo bom para a agricultura, volume grande de investimentos “em obras”).

Por ora, repita-se, a expectativa mais razoável é de estagnação econômica.